



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LINGUA INGLESA**

ANDRÉ LUIZ MELO DE SOUSA

**REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA TELEVISÃO NO ENSINO DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

CAMPINA GRANDE - PB

2014

ANDRÉ LUIZ MELO DE SOUSA

**REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA TELEVISÃO NO ENSINO DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, para conclusão do curso de graduação em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^a. Ms. Virgínia Souza Falcão Diniz.

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725r Sousa, André Luiz Melo de
Reflexões sobre as contribuições da televisão no ensino de línguas estrangeiras [manuscrito] / Andre Luiz Melo de Sousa. - 2014.
34 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Virgínia Souza Falcão Diniz, Departamento de Letras".

1. Ensino de Língua Inglesa 2. Televisão 3. Recurso Didático 4. Prática de Ensino I. Título.

21. ed. CDD 372.65

ANDRÉ LUIZ MELO DE SOUSA

REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA TELEVISÃO NO ENSINO DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

APRESENTADO EM: 11 / 12 / 14

BANCA EXAMINADORA

Virgínia Souza Falcão Diniz
Prof^ª. Ms. Virgínia Souza Falcão Diniz
Orientador

Karyne Soares Duarte Silveira
Prof^ª. Ms. Karyne Soares Duarte Silveira
Examinadora

Cristiane Vieira do Nascimento
Prof^ª. Ms. Cristiane Vieira do Nascimento
Examinadora

Nota: 7,5

AGRADECIMENTOS

Hoje as linhas que se seguem não fazem mais parte apenas da minha agenda pessoal. Chega de lamúrias, chega de cultuar as frustrações. Hoje minhas palavras são de profundo agradecimento pelos degraus que tanto corri, tropecei, quase desisti, mas decidi perseverar, chegando hoje a um degrau importantíssimo dessa jornada.

Agradeço a minha família pelo apoio necessário para estar aqui.

À minha professora orientadora que aceitou socorrer-me num momento delicado e juntos transformamos o incerto em certo.

Agradeço aos meus colegas de curso que juntos compartilhamos de tantos momentos difíceis durante essa subida, sendo necessário que um estivesse sempre um degrau a frente a fim de socorrer o outro no degrau anterior.

Agradeço, por fim, ao responsável pelos meus rabiscos na agenda, pelas minhas frustrações, pela minha perseverança e, principalmente, pelo sucesso ao fim dessa jornada: meu pai celestial, a luz que guia meu caminho nas horas boas e ruins.

PS: Ah, e pra não ser injusto comigo mesmo, dedico um agradecimento especial a todos aqueles que fizeram parte de minha vida, desde os meus primeiros passos na vida escolar até os dias de hoje: os fascinantes personagens que assisti na programação televisiva...

RESUMO

Estudiosos na área de ensino de Inglês no Brasil têm refletido por um longo tempo sobre as práticas de ensino em nossas salas de aula, a fim de encontrar formas de ajudar todos os alunos envolvidos a aprender mais facilmente. Esses alunos estão cada vez mais envolvidos pelas inúmeras tecnologias de entretenimento, incluindo programas de TV. Com base nessa realidade, criou-se uma interação entre a sala de aula e a televisão onde, trabalhadas em conjunto, puderam instigar o interesse dos alunos e, como resultado, facilitar o processo de aprendizagem. Este trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica analisando trabalhos de autores como Mascos Napolitano, Airton Negrine e L. S. Vygotsky os quais apontam o sucesso na adaptação de conteúdos feitos a partir do lúdico inserido diretamente no ensino de língua inglesa.

Palavras-chave: Televisão. Língua Inglesa. Sala de aula.

ABSTRACT

Scholars in the area of English teaching in Brazil have been reflecting for a long time about the teaching practices in our classrooms in order to find ways to help all the learners involved to learn more easily. These students are increasingly involved by the numerous entertainment technologies, including TV programs. Based on this reality, a need for an interaction between the classroom and the television arose. Working together, those two institutions can foster an interest in the students and as a result, facilitate the learning process. This work aims at discussing the possible results obtained by renowned researchers that points success in adaptation of television content in teaching English grammar.

Key-words: Television. English language. Classroom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PRIMEIROS PASSOS DA VIDA ESCOLAR.....	11
2.1 A Infância	11
2.2 A Adolescência	12
3. O DIÁLOGO ENTRE A TV E A ESCOLA	16
4. A TV COMO PRÁTICA DE ENSINO.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

A atuação da disciplina de Língua Inglesa (doravante LI) dentro das escolas de ensino fundamental e médio no Brasil, sejam públicas ou particulares, sempre foi motivo de discussão quando questionada a respeito de suas metodologias e carga horária. Essa última geralmente reduzida a duas aulas semanais, acabou resultando em um contato cada vez mais restrito dos alunos com a disciplina.

Durante anos a maneira de ensinar e aprender gramática vinha se tornando um dos mais resistentes pilares das aulas de inglês, como, por exemplo, o ensino de memorização de regras e o ensino de gramática para comunicação. No entanto, ao longo da última década, o número de pesquisas que averiguavam a substituição desse antigo modelo tradicionalista por posturas mais dinâmicas da língua vem crescendo consideravelmente a exemplo da teoria construtivista de Piaget e a teoria sócio-interacionista de Vygotsky.

A dificuldade de aprendizagem dos alunos e a dificuldade do professor em instigar seus alunos a aprenderem eram mais comuns do que se poderia imaginar, uma vez que haviam aqueles que optavam pelo ensino da gramática normativa talvez por achar a sua prática mais cômoda e haviam aqueles que tinham uma perspectiva mais interacionista, os quais visavam a interação do aluno com a gramática através de seu conhecimento de mundo.

Sobre Gramática normativa, Travaglia (2002, p 30) define como:

... é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e lexicais), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita de idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como sendo a língua verdadeira.

Assim sendo, não era difícil perceber que o ensino de gramática vinha adquirindo uma forma “ditadora” de atuar, tornando-se cada vez mais difícil despertar o interesse espontâneo do aluno ao se trabalhar com tantas regras imutáveis. Dessa forma, era incumbida aos aprendizes a tarefa de decorar aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos, entre outros, a

fim de que se obtivesse a aprovação da matéria ao final do ano. Significando assim, que o mesmo havia “absorvido” com êxito todas as regras relativas àquela língua. Esse tipo de prática culminou, naturalmente, por tornar o ensino de gramática um verdadeiro vilão dentro do ensino de línguas, seja ela portuguesa ou estrangeira.

Após anos e alguns estudos realizados por autores como Vygotsky (1994) e Arthur Távola (2004) a respeito da difícil relação entre ensino e aprendizagem, o que se pode enxergar hoje é que não há uma forma exata de trabalhar esse processo seguindo apenas uma metodologia de ensino. O perfil dos estudantes tem mudado consideravelmente e com eles as aulas precisaram ganhar cada vez mais estímulos a fim de fazer com que os alunos sintam-se envolvidos, interessados. Por essa razão é que hoje estamos vivendo uma era intitulada de Pós- Método. De acordo com os estudos sobre o ensino de línguas, não se considera mais adequada a utilização de uma ou duas estratégias de ensino, mas a junção e discussão dessas dentro do âmbito escolar.

O Pós-Método, segundo Silva (2008), é uma combinação do conhecimento teórico e de todo o contexto que permeia o ensino, tendo sempre em vista uma pré-avaliação de como o indivíduo social está inserido no ambiente externo de aprendizagem. Para que isso ocorra são levados em consideração fatores como o contexto social dos alunos, seu conhecimento de mundo, a estrutura física da escola em que estão inseridos, entre outros.

Ao fazer uso de técnicas de ensino variadas o professor consegue organizar o conteúdo de suas aulas e chegar o mais próximo possível de seus alunos utilizando uma metodologia adaptada, fazendo uso do conhecimento teórico que possui adequando-o ao seu ambiente escolar. Sobre essa postura, novamente Silva (2008, p. 06) comenta:

Sendo assim, o(a) professor(a) se torna um pesquisador capaz de indicar em que medida os achados da teoria auxiliam a sua prática. Isso pode possibilitar que ele tenha instrumentos que contribuam para que o mesmo aponte alternativas e faça adaptações capazes de surtir efeitos na sua sala de aula.

Podemos então entender que o professor da era Pós-Método é autônomo. Caberia a ele decidir quais estratégias teóricas e metodológicas utilizar dentro de sua sala de aula.

Esse trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida com o objetivo de expor, através de estudos na área de LI, a adoção do uso do lúdico, mais especificamente, relacionado ao universo envolvente da televisão, dentro de uma abordagem sócio-

interacionista. Como o uso de situações e de personagens visualizados na TV e inseridos dentro do processo de aprendizagem de LI, pode diminuir as dificuldades na aquisição da mesma. Como viria a ser o comportamento desses alunos do Ensino Fundamental II, quando expostos a um determinado tópico gramatical estigmatizado, muitas vezes, como cansativo? Qual a sua reação diante de uma aula tida como cansativa sendo lecionada agora de maneira lúdica por meio dessa plataforma que lhes desperta tanta empatia.

Objetiva-se refletir nesse trabalho o papel da TV no ensino de língua inglesa. O quão produtiva pode ser a adaptação de conteúdos pertinentes à grade curricular de cada série quando associados a esse universo imaginário do estudante. Expor e discutir, através de estudos na área de LI a adoção de programas televisivos como ferramenta lúdica no ensino de inglês.

O fato é que não é de hoje que a ideia de trabalhar o lúdico dentro da sala de aula tem sido motivo de estudo para diversos teóricos a exemplo de Piaget, Vygotsky, entre outros, os quais conseguiram constatar, dentro de suas pesquisas, que a melhor idade para se iniciar o estudo de uma LI estaria entre os seis e os onze anos de idade; exatamente a fase em que a criança se encontra em processo de alfabetização e/ou cursando o ensino fundamental. Figueiredo (1997, p. 26), por exemplo, afirma que:

A idade do indivíduo é um dos fatores que determinam o modo pelo qual se aprende uma língua. Mas as oportunidades para a aprendizagem, a motivação para aprender, e as diferenças individuais são também fatores determinantes para o sucesso na aprendizagem.

Podemos perceber através dessa passagem que a motivação é um grande potenciador capaz de instigar a criatividade. A idade do indivíduo somada à maneira como o conteúdo é apresentado dentro do ambiente escolar podem vir a fazer com que o mesmo se sinta atraído a ultrapassar os limites de suas dúvidas desde o início de sua carreira dentro da escola. O primeiro passo para essa jornada se dá exatamente em um período muito especial: a infância.

2. PRIMEIROS PASSOS DA VIDA ESCOLAR

2.1.A INFÂNCIA

A infância marca, sem dúvida, um grande momento na vida do ser humano, afinal de contas, é uma fase de aquisição de conhecimentos e também de disseminação da criatividade. É nessa fase que o indivíduo constrói o seu senso crítico dentro e fora da sala de aula.

É exatamente nessa fase que a criança inicia o processo de aquisição de sua língua materna, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades básicas e necessárias para interação com o seu meio, por exemplo, a fala, o raciocínio e o comportamento em público. Muitas vezes isso acontece numa simples brincadeira aparentemente despreziosa em sala de aula. Segundo Mayer-Borba (2007, p. 37), na visão de Vygotsky:

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Diante do exposto, é possível observar que através de atividades lúdicas, ministradas desde as séries iniciais, a criança aprende as primeiras lições da escola de maneira interativa, desenvolvendo seus primeiros conceitos de ensino com base naquelas aulas.

De acordo com Piaget (1978) uma boa aprendizagem nessa fase ocorre por meio dos processos de adaptação, assimilação e acomodação. Ele pontua que seria preciso que a criança passasse por cada um desses processos para que o seu conhecimento fosse adquirido com sucesso, uma vez que, ao chegar a um ambiente escolar, a mesma já vem munida de inúmeros conhecimentos teóricos e vivenciados. De acordo com a proposta curricular de Santa Catarina (1998, p. 21):

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca.

Assim sendo, é importante ter a consciência de que, ante a responsabilidade da escola de educar e propiciar momentos que levem ao aprendizado caberia aos pais assumirem o papel de mestres dentro de sua rotina. Ao professor, por sua vez, caberia a tarefa de propiciar embasamento ao aprendiz para dar continuidade ao seu desenvolvimento intelectual, fazendo, assim, obter mais experiências para que o seu desenvolvimento passe a ser condizente com as séries seguintes com as quais irá se deparar.

Caberia nesse momento pontuar que, desde a infância, a criança inicia naturalmente uma interação com a comunidade na qual está inserida, como, por exemplo, costumes, situações e ambientes. Em relação a essa exposição primária, Mansur (2007, p.6) afirma que:

Entre a criança e o mundo há uma interação que permite seu desenvolvimento como ser humano enquanto participa da construção do mundo. Nesse processo, sofre influência de agentes externos como a televisão.

Dessa forma, entendemos que na infância a criança possui uma necessidade extrema de concretizar e vivenciar aquilo que está aprendendo. É nesse momento que o professor deve estar preparado para estimular a imaginação de seu aluno a fim de despertar nele o interesse no aprendizado. Do contrário, ao parecer incompreensível tudo o que o professor está apresentando, o aluno naturalmente perde todo o interesse e a atenção dada ao docente, focando sua atenção a qualquer outra situação na sala de aula.

É nesse momento que se tornaria pertinente a apresentação de um conteúdo de forma mais dinâmica capaz de chamar a atenção dos alunos para o conteúdo disciplinar. A TV surge, então, como um elemento facilitador que pode auxiliar o professor no processo de ensino e aprendizagem de LI.

2.2. A ADOLESCÊNCIA

A partir do momento que a criança chega à fase da adolescência a necessidade de um conteúdo didático interessante passa a ser cada vez maior, levando em consideração todas as suas exigências como aluno somado as suas emoções latentes proveniente de seu estado hormonal. Aulas tradicionais com o foco no professor e no livro didático dificilmente têm despertado o interesse do estudante se não houver algo inesperado, que o surpreenda. Geralmente, há uma necessidade natural do jovem de se sentir estimulado, desafiado. Para

Vygotski (1998, p 45) nossos sentimentos mantêm certa relação com a forma de pensar, junto ao sistema de conceitos:

Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm certa relação com os nossos pensamentos.

Segundo o autor essa familiaridade com o tema abordado em sala de aula seria a válvula propulsora inicial para um procedimento produtivo de ensino com crianças e adolescentes, pois uma vez que os sentimentos do aluno encontrem algo de atrativo dentro do ambiente escolar, o aprendizado poderá fluir tranquilamente. E ainda sobre esse comportamento do aluno ligado diretamente à emoção, Vygotsky (2005, p. 143) também comenta:

Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse alunado.

É fato que lidar com os alunos na fase da adolescência exige do professor bem mais do que apenas passar o conteúdo como o planejado nos planos de aula. Ensinar a alunos adolescentes requer certa habilidade específica do mestre a fim de que o mesmo consiga lidar com as diversas transformações (internas ou externas) dentro de cada um de seus aprendizes. Essas transformações podem ser entendidas também como mudanças físicas, socioculturais, afetivas e até mesmo psíquicas que, sem o devido cuidado, podem afetar diretamente o comportamento do indivíduo em meio ao seu grupo. Foi baseado nessa perspectiva que Basso (2008, p. 56) afirmou:

Embora a adolescência seja um fenômeno com características físicas e psíquicas comuns a espécie, o processo apresenta-se profundamente moldado por características psicológicas e sociais inerentemente culturais, sendo, portanto, marcado pela história e pela cultura de cada grupo social.

Pode-se perceber por meio dessa passagem que o autor compartilha de uma visão semelhante a de Piaget que acreditava categoricamente no poder que o professor tinha de exercer uma postura mais interacionista usando o conhecimento prévio do aprendiz dentro do ambiente escolar. O autor acredita ser possível estimular o raciocínio de seus alunos adolescentes através de atividades desafiadoras.

Uma vez estimulado o raciocínio dos alunos, o processo de interação com os outros colegas em sala de aula pode fluir com muito mais dinâmica e naturalidade. Para Basso (2008) ao se falar em processo de ensino e aprendizagem de jovens de um modo geral, seria necessário que os adolescentes colocassem em prática toda a sua criatividade, pois, assim como as crianças, eles necessitam de desafio para aguçar a sua inteligência, bem como o seu raciocínio. Entretanto, essa dificuldade latente de assimilação de conteúdos nunca deixou de ser motivo de pauta para discussões. Problema esse cuja solução talvez esteja diretamente relacionada ao uso de uma simples palavra na hora do estudo: motivação. O que Shultz e Kanomata (2006, p 18) definem da seguinte maneira:

Motivação é uma força interior propulsora, de importância decisiva. Assim como aprendizado em geral, o ato de se aprender línguas é ativo e não passivo. Não se trata de se submeter a um tratamento, mas sim de construir uma habilidade. Não é o professor que ensina nem o método que funciona; é o aluno que aprende.

Para os autores não há dúvidas de que a motivação é um elemento primordial na aprendizagem de LI, especialmente quando existe um elo de ligação entre o aluno e o tema abordado em sala de aula. De acordo com Falk (apud NORRIS-HOLT, 2001) os alunos se tornam bem sucedidos no aprendizado de uma língua estrangeira quando têm interesse na cultura proveniente da língua que estão estudando, tornando-se, assim, naturalmente familiarizados com as situações propostas durante o processo de aprendizagem. Essa forma instigante é conhecida como motivação direta (*integrative motivation*).

Ainda segundo Antunes (2007, p. 108) “O professor precisa ser visto como alguém que pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende”. Cabe a ele a tarefa “trabalhosa” de estimular os alunos por meio de suas aulas e desfazer essa imagem negativa que pode haver, em suas turmas, a respeito do estudo de gramática.

Vygotsky (1994) afirmava que a motivação é um dos fatores principais, não só de aprendizagem, como também de aquisição de uma língua estrangeira. Ela pode ser capaz de

instigar a criatividade, fazendo com que o aluno (adolescente) assimile os conteúdos apresentados no ambiente escolar e se sinta atraído a ultrapassar os limites de suas dúvidas.

Partindo da perspectiva de que o adolescente pode vir a se sentir instigado a interagir naturalmente em sala de aula a partir de estímulos utilizados pelo professor e baseado em conceitos sócio-interacionistas é que pretendemos expor a possibilidade de utilizar situações transmitidas pela televisão como uma ferramenta facilitadora de conteúdos gramaticais no ensino de LI.

3. O DIÁLOGO ENTRE TV E ESCOLA

Um fato que ainda é bastante corrente dentro do contexto de ensino e aprendizagem, especialmente em escolas de pequeno porte, é a adoção da disciplina de LI somente a partir do Ensino Fundamental II, geralmente quinto ou sexto ano. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1998, p 24) se posicionavam sobre o fato da seguinte maneira:

O ensino de LI ainda não é visto como elemento importante na formação do aluno [...] ao contrário, frequentemente essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental.

Essa realidade talvez se devesse à crença de que o inglês sempre foi tido como uma disciplina que visava especialmente o desenvolvimento da habilidade de leitura, não sendo difícil presenciar, em muitas escolas, o papel da leitura de mundo e abordagem comunicativa colocadas em segundo plano. Ao invés de desenvolver a competência comunicativa do aluno era dada mais ênfase a exemplos ou estruturas gramaticais descontextualizadas. Certamente a escolha desse tipo de postura tanto podia ter influência direta do professor, como também podia ser de responsabilidade direta da instituição de ensino onde o aluno está vinculado.

No ano de 2008, as diretrizes curriculares estaduais do estado do Paraná (DCE) pontuavam que o ensino de língua estrangeira deve estar diretamente relacionado aos diversos contextos de interação social ao qual o aluno está inserido. Podendo esta estar ligada a sua cultura ou a sua visão de mundo. Esse mesmo documento teve como foco o ensino de LI dentro da educação básica, sendo a mesma ministrada de modo semelhante ao que costumamos ver em escolas de línguas as quais o que predomina, na maioria das vezes, é o ensino de LI primordialmente direcionado à comunicação.

Ainda de acordo com os PCN (BRASIL, 1998), deveríamos trabalhar LI com base em gêneros orais e escritos, a fim de facilitar e conduzir o aluno a um entendimento mais consciente do tema abordado, instigando naturalmente o seu senso crítico. Isso faz com que o mesmo seja capaz de construir significados a partir do que lhe é fornecido. Os PCN (BRASIL, 2008, p. 36) ainda reforçam:

O processo de construção de significado resulta no modo como as pessoas realizam a linguagem no uso e é essencialmente determinado pelo modo que se vive (a

história) e os espaços em que se atua (contextos culturais e institucionais), ou seja, pelo modo como as pessoas agem por meio do discurso no mundo social, o que foi chamado de natureza sócio-interacional da linguagem.

O trabalho pedagógico envolvendo os conteúdos exibidos pela televisão tem como finalidade a facilitação do contato do aluno com o tema gramatical ao qual ele será exposto durante a aula para que, a partir dessa interação, ele possa fazer inferências, construir pontes entre o seu conhecimento de mundo e o tema abordado. Autores como Bechara (2006) e Travaglia (2002) em seus estudos apontam que é possível para o professor dar conta do que pregam alguns teóricos, e mesmo os PCN (BRASIL), ao proporcionar ao aluno uma leitura consciente, que o ajude a se tornar um leitor mais ativo desse e de outros tipos de textos. A utilização do trabalho lúdico através de música, jogos, desenhos animados ou mesmo a televisão, pode atender facilmente às expectativas de um educador, uma vez constatado o interesse dos aprendizes ao se deparar com a familiaridade do conteúdo proposto na aula junto a sua cultura.

Após muitas análises teóricas e novas práticas pedagógicas inseridas dentro do ensino de LI no Brasil, a mesma, hoje, vem sendo abordada, na maioria das escolas, de maneira cada vez mais adequada de acordo com os Parâmetros Curriculares.

Ao ingressar no ambiente escolar era subentendido que o aluno já possuía um saber linguístico mínimo relativo à sua língua materna. A proposta da escola, então, deveria ser o aperfeiçoamento dessa característica, criando condições e um ambiente favorável para que o aluno se sentisse motivado a desenvolver-se. Nesse sentido, a educação linguística tem um papel essencial quando vem a acrescentar os conhecimentos convenientes dentro do ambiente linguístico do aluno. Bechara (2006, p. 10) comenta:

..a educação linguística põe em relevo a necessidade de que deve ser respeitado o saber linguístico prévio de cada um, garantindo-lhe o curso da intercomunicação social, mas também não lhe furta o direito de ampliar, enriquecer e variar esse patrimônio.

Uma vez garantido o seu direito de se comunicar, o indivíduo fica sujeito a experiências que facilmente podem ser levadas em consideração dentro de seu processo evolutivo na utilização de sua língua. As normas tidas como hegemônicas ou opressoras

comentadas por Bechara não podiam ser consideradas melhores ou piores dentro do coloquialismo. O fato é que existem situações onde cada um deve ser usado adequadamente, cabendo ao aluno distinguir e utilizar a linguagem mais condizente dentro dessa abordagem.

Hoje é possível dizer que todas as tecnologias facilitadoras do processo de ensino ligadas direta ou indiretamente a essa área podem ser levados em consideração, uma vez que os recursos, antes compostos por livros e professores em sala de aula, agora ganharam um grande aliado além da TV: A *internet*. Essa pode, sozinha, ser o suficiente para substituir a presença dos outros dois em uma simples pesquisa. Entretanto, mesmo sabendo de seu potencial atual, esse não será foco do presente trabalho.

A inclusão de música e outras atividades acopladas ao lúdico dentro do processo de aprendizagem, segundo os PCN, podem gerar um desenvolvimento bastante produtivo no processo de aprendizagem do aluno, haja visto que esse engajamento é capaz de alimentar diretamente uma vinculação afetiva entre o aprendiz e o tema abordado. Para os PCN, há tempos, essa antiga fórmula de ensino de LI vinculado apenas à leitura não funciona mais. Pelo contrário, uma série de outros conhecimentos já estão sendo levados em consideração na hora de ajudar a compor a competência comunicativa do aluno. Watson (1930), por exemplo, considera os hábitos manipuláveis, especialmente a língua, no que diz respeito a sua aquisição, uma vez que, desde muito cedo, somos condicionados a reflexos, comportamentos facilmente observáveis. Para o autor (1930, p. 06):

Nós podemos observar o comportamento – o que o organismo diz ou faz. E vamos deixar claro de uma vez que falar é fazer. Isto é, comportamento. Falar abertamente ou para nós mesmos (pensar) é um tipo de comportamento tão objetivo como o baseball.

Foi com base nesses comportamentos que os PCN afirmaram que, para que houvesse um engajamento no discurso, seria necessário três tipos de conhecimentos básicos dentro de um processo de aprendizagem: o conhecimento sistêmico, referente ao nível de organização linguística que cada indivíduo consegue produzir; o conhecimento de mundo que se refere aos conhecimentos que as pessoas têm sobre as coisas do mundo; e o conhecimento de organização textual, o qual, como o nome mesmo já sugere, trata do conhecimento de como as pessoas organizam as informações de textos orais ou escritos. É por intermédio destes conhecimentos que o aprendiz constrói um novo conhecimento baseado naquele que já possui. É como se fosse um acréscimo “...a projeção dos conhecimentos que já possui no

conhecimento novo, na tentativa de se aproximar do que vai aprender” (BRASIL, 1998, p. 32).

Um dos fatores que os PCN mostram ser de grande importância gira em torno do poder hegemônico que a LI pode vir a exercer sobre determinada nação, especialmente quando encontramos uma sociedade repleta de desigualdades sociais. Um país que tenha o inglês como segunda língua ou língua estrangeira, possui um grande poder de influência no mundo “... não só propicia acesso à informação, mas também torna os indivíduos, e, conseqüentemente, os países, mais bem conhecidos pelo mundo.” (BRASIL, 1998, p. 39).

Dessa forma, os indivíduos passam a agir com mais consciência dentro de sua cultura. Ao invés de apenas consumir passivamente produtos e informações, passa-se a interagir, questionar, produzir também. LI, nesse contexto, se torna uma força libertadora.

O único fator que continua inalterado dentro dessa pauta ensino/aprendizagem gira em torno da real necessidade de estudar LI nas escolas, seja de maneira tradicional, ou munido de todo o suporte que a modernidade nos fornece. Sobre isso, os PCN afirmam (1998, p. 37):

A aprendizagem de língua estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna.

Podemos concluir, portanto, que aprender inglês em sala de aula pode levar o aluno a um desenvolvimento intelectual além do previsto, podendo fazer com que o mesmo venha a desenvolver, naturalmente, o seu poder de improviso e até mesmo de criação.

A proposta de trabalhar com o lúdico dentro dessa perspectiva interacionista torna-se instigante a partir do momento que possibilita àqueles alunos mais resistentes à compreensão de que nem todo tópico gramatical é passado pelo professor da mesma maneira e com as mesmas ferramentas. Através de nossos estudos foi constatado que a união do conteúdo escolar somado ao material exposto pela TV pode vir a se tornar uma atitude positiva, amenizando, consideravelmente, aquela antiga imagem tradicionalista e severa que alguns alunos têm dos professores de um modo geral, nesse caso, os de inglês.

Essa imagem negativa que alguns alunos têm das aulas de inglês há décadas tem sido perceptível por parte da instituição escolar e por causa disso sempre foi frequente o surgimento novas pesquisas que analisassem essa relação. Os resultados têm mostrado fatores

consideravelmente positivos referentes a desassociação daquela rotina escolar limitada a apenas quadro negro e livro didático que, segundo Napolitano (1999, p. 44), pode vir a gerar empatia:

Os alunos, ao mesmo tempo que sentem um certo tédio em relação à escola, estão acomodados em seus procedimentos e estratégias tradicionais. O bom resultado de novas experiências pode levar algum tempo.

Tendo em vista que esses alunos, desde a primeira infância, possuem contato direto com a televisão, mais especificamente com os desenhos animados, além de que os mesmos possuem uma gama enorme de possibilidades de uso na prática de aprendizagem, por que não orientá-los a utilizar esse contato criticamente?

As pesquisas relacionadas ao ensino de LI por meio do lúdico têm mostrado claramente que ao se deparar com o universo rotineiro das salas de aula o aluno se vê diante de vários questionamentos relacionados ao tema estudado, como, por exemplo, a importância do inglês em sua vida naquele momento, onde e como usar todos aqueles modos, pronomes e tempos verbais.

Uma das razões que possam explicar essa antipatia talvez se deva ao fato de eles simplesmente não entenderem a razão pela qual estão estudando gramática e sentenças verbais da língua Inglesa, muitas vezes, se quer sabem o real uso das mesmas regras em sua língua materna. É nesse momento que a interação entre o aluno e o meio precisa ser utilizada para que eles não se sintam desmotivados e sim estimulados a pensar e falar. Uma vez que a parceria entre professor e aluno não seja estabelecida dentro de uma relação amistosa, o resultado pode ser desastroso visto que o contato de ambos se resume, muitas vezes, a uma aula tediosa de poucos minutos por semana. E não se deve esquecer que em meio a essa problemática alguns alunos costumam ser bastante resistentes quando expostos a uma aula de conteúdo gramatical.

Para eles, é como se uma série de novas ideias estivesse prestes a serem dadas obrigando-os a assimilá-las com precisão. Uma das justificativas para tal atitude é que algumas escolas/professores tinham/têm como foco a preparação do aluno para um futuro mercado de trabalho, ou, para o famoso vestibular. Sendo esse estudo sistemático a justificativa para essa “aversão” dos alunos antes mesmo de um primeiro contato com novos conteúdos da disciplina. Segundo Bordoni (2005, p. 41): “Uma escola rígida para um mundo rígido. Um mundo que não existe mais!”

Foi pensando em alunos com aquele tipo de postura que um estudo realizado e publicado em 2004 pela UNICEF, chamado “A voz dos adolescentes”, analisou que o jovem estudante brasileiro passa em média quatro horas em frente à televisão. Os mesmos ficam grande parte de seu tempo em casa durante a ausência de seus pais e acabam sendo expostos à sorte de qualquer programa televisivo que estiver sendo transmitido pela TV como, por exemplo, jornais, novelas, programas esportivos e desenhos animados. Esse mesmo estudo ainda concluiu que 51% desses adolescentes têm na televisão a sua principal fonte de entretenimento (BRASIL, 2004).

Diante de todas essas considerações se tornou pertinente questionar até que ponto esse envolvimento do aluno com os programas televisivos pode ser aproveitado em benefício do aprendiz. Por que não associar esse tipo de experiência à sala de aula?

As respostas para tais questionamentos podem nos conduzir a uma produtiva proposta de ensino na tentativa de facilitar o aprendizado de LI de modo descontraído e despretenso. Um fato que nunca foi segredo para aqueles profissionais que trabalham na área da educação, mais especificamente no ensino de línguas, é que as escolas já estavam mais do que acostumadas a tratar o ensino de leitura através dos gêneros textuais já estabelecidos, como a receita, a carta e a notícia, os quais sempre foram os meios mais tradicionais. Quebrar essa “barreira” ainda é algo novo, especialmente com o gênero desenho animado. Partindo desse pressuposto, o que apoia o inovador e incentiva a quebra de paradigmas, Freire (1996) já defendia que “a educação deve habilitar o aluno para leitura e entendimento do mundo”. Através daquilo que o aluno enxerga na tela de seu televisor ele compreende com mais rapidez e facilidade peculiaridades de seu mundo e dos outros “universos” ao seu redor. De acordo com Marshall McLuhan (1979), estudioso teórico da comunicação nos anos 50 e 60, o surgimento da TV era o início de um novo modo de comunicação humana capaz de estimular o contato visual, auditivo e oral dos indivíduos. O autor, desde então, conseguia enxergar com bons olhos a possível substituição da palavra escrita por aquele meio de comunicação que transmitia conhecimento. Segundo McLuhan (1979, p. 58):

Hoje, em nossas cidades, a maior parte do ensino acontece fora da escola. A quantidade de informação comunicada pela imprensa, revistas, filmes, televisão e rádio, excede em grande medida a quantidade de informação comunicada pela instrução e textos na escola. Este desafio destruiu o monopólio do livro como ajuda ao ensino e derrubou os próprios muros da escola de modo tão repentino que estamos confusos, desconcertados.

Segundo o autor são os fatores externos à escola os grandes responsáveis pelo processo de construção de conhecimento do aluno. Esse conhecimento que antes era restrito apenas às experiências vivenciadas pelos indivíduos hoje abre lugar para experiências observáveis, através do que o mesmo enxerga na TV.

O excesso de otimismo de Mcluhan foi, por tempos, alvo de inúmeras críticas vindas de teóricos mais tradicionalistas que não enxergavam com bons olhos o conteúdo transmitido pelo “objeto” TV. Autores como Adorno (1969) afirmavam que a TV era uma grande fonte de desestímulo do aprendizado da palavra escrita assim como do aprendizado escolar. Para o estudioso o conteúdo difundido pela mesma não passava de informações superficiais, muitas vezes somados a um conteúdo de baixo nível intelectual, estético e cultural; informações irrelevantes compartilhadas por uma imprensa tendenciosa.

Para construir uma comunicação necessária entre televisão e escola, a fim de estabelecer uma interação produtiva, seria imprescindível que o aprendiz recebesse estímulos diretamente do professor. Aquele precisaria receber as diretrizes necessárias que direcionassem corretamente o seu raciocínio. Obviamente, ele não iria e nem precisaria se comunicar utilizando sentenças gramaticais completas e perfeitas, ele necessitaria, a princípio, apenas se fazer compreender. Para isso se faria necessário utilizar todo o seu conhecimento. A visão que Batstone (1994) defende é que “o aluno aprenderá a LI de maneira mais fácil se ele conseguir fazer sentido com a língua.” Ele deve saber sobre o que está falando. Ou seja, o mesmo precisa estar familiarizado com as atividades propostas e essas devem e precisam fazer parte de seu conhecimento de mundo, de sua experiência de vida.

Uma teoria que se enquadra bem dentro desse quadro é a perspectiva do *input*. A mesma defende que o aluno deve receber do professor bastante insumo antes de iniciar uma atividade interativa em sala de aula. Os estudos de Figueiredo (1997, p. 24) já mencionava sobre essa prática:

A hipótese do input afirma que primeiro adquirimos o significado e, como resultado, a estrutura. O indivíduo que está adquirindo uma língua não está preocupado com a forma, no como dizer, mas sim no uso que pretende fazer dela, no que dizer. (...) quanto maior e mais adequado for o input fornecido ao indivíduo, melhor será sua produção linguística.

Diante de tantas teorias discutidas até aqui fica cada vez mais latente o nível de dificuldade que um professor enfrenta almejando um bom resultado em sala de aula, seja na disciplina de inglês ou qualquer outra disciplina inserida na grade escolar. É fato que fica a cargo do professor a tarefa de obter conhecimento aprofundado, não só de teorias e práticas de ensino, como também de conhecer o tipo de turma com a qual está lidando, para que assim consiga aplicar uma aula estimulante àquele público, alcançando, assim, o máximo que puder de resultado positivo de aprendizagem.

4. A TV COMO PRÁTICA DE ENSINO

Em 1950 a TV teve o seu marco inicial no Brasil quando, através de Assis Chateaubriand, foi inaugurado o primeiro canal de televisão chamado TV Tupi. Para tristeza de muitos, poucos puderam apreciar tal evento, uma vez que eram escassos os aparelhos existentes até então no país. Apesar da boa repercussão da notícia, foram muitos os problemas técnicos enfrentados durante aquela primeira exibição, fato que não abalou os profissionais da área na época.

O fascínio transmitido por aquela máquina exercia cada vez mais domínio na vida do cidadão brasileiro, fosse ele alfabetizado ou não, pois as suas transmissões atingiam os mais diversos níveis de atenção de homens, mulheres, adultos e crianças. O fato é que o tempo passou e com ele a imagem desse veículo de comunicação também mudou. O que antes era tido como fonte básica de entretenimento do indivíduo hoje pode ser usado pelo professor como uma fonte rica de trabalho dentro da área do ensino de LI. É nesse momento que entra em pauta a grande responsabilidade do profissional em manter e estimular a atenção do aluno dentro do contexto escolar. Tal faceta nunca se fez tão necessária como nos dias de hoje quando a ele está atribuída a árdua tarefa de estar sempre atento às necessidades da sala de aula onde atua. O professor precisa adquirir essa perspicácia para que assim consiga, sistematicamente, estimular a imaginação de seus alunos com atividades pertinentes e prazerosas referentes ao conteúdo programático estudado.

Pensando nessas teorias sobre a busca por uma boa estratégia de ensino, Silva (2008, p. 01) esclarece:

Os profissionais da área (LI) que muitas vezes carecem de uma formação linguística adequada, continuam em busca de uma fórmula mágica que dê conta de um processo tão complexo e que engloba tantas variáveis como o ensino/aprendizagem de LE.

A partir do momento em que uma aula de inglês não possui conteúdos comunicativos que prendam a atenção do aluno a mesma não faz sentido, pois ele não consegue entender a relevância de todo aquele conteúdo dentro de seu cotidiano. Para o mesmo é como se não houvesse interação e para que isso ocorra seria necessária uma forma de ensino mais condizente com a realidade em que se encontra o aprendiz. Não basta apenas partir da vontade do professor a criação de uma aula motivante, lúdica. Esse profissional precisa estar

verdadeiramente preparado e estimulado a ensinar e atingir o que anseia de seu aluno. Sobre uma aula que estimule o aluno a pensar, interagir em uma situação naturalmente e não pela obrigação de uma atividade em sala de aula, Izidro (2008, p. 09) comenta:

Implantando o ensino de língua Inglesa com qualidade, as escolas deverão formar alunos reflexivos, capazes de construir. Não somente, alunos que aprendam tais habilidades para ingressarem no atual mercado de trabalho, mas alunos que terão a capacidade de se relacionar e comunicar em qualquer lugar do mundo, além de ajudar a esses alunos a se desenvolverem como seres humanos.

Na visão do autor não basta apenas aprender uma língua estrangeira por decodificação ou muito menos por imposição de uma instituição de ensino. Para ele seria interessante trabalhar o lado improvisador do aprendiz, fazendo-o utilizar o conhecimento que possui dentro de uma situação pertinente com a qual irá se deparar.

O verdadeiro propósito ao realizar esse trabalho de pesquisa relacionado aos conteúdos televisivos é expor que não é de hoje que a aprendizagem por meio do lúdico tem sido uma atividade proveitosa dentro do âmbito educacional do homem, a televisão é uma boa opção. De acordo com Andrade e Sanches (2005), por exemplo, a união do lúdico com a escola propicia bastante familiaridade ao universo criativo e evolutivo da criança, associando a informação fornecida em aula pelo professor ao conhecimento de mundo que ela já possui. Essa atividade é o tipo de união que desperta não só interesses diversos como também aflora o prazer pela descoberta de novidades que venham a acrescentar algo na vida do indivíduo. Segundo Negrine (1994, p. 19), essa maneira de trabalhar informações novas com o cotidiano na sala de aula estimula consideravelmente a criança:

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade, e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança.

É dentro desse contexto de ludicidade que a televisão, mesmo após o advento avassalador da internet nas últimas décadas, tem sido ainda um instrumento positivo na aquisição de conhecimento e lazer da criança que, uma vez não estando sob as atenções da família. É através da TV que elas obtém o primeiro contato com o mundo externo, despertando, assim, as suas primeiras curiosidades a respeito daquilo com o que não tem familiaridade. Ao analisar esse contato Liebert e Sprafkin (1988) esclarecem:

A televisão é uma ‘janela precoce’ do mundo exterior, transmitindo informações e valores da sociedade mais ampla na qual as crianças vivem muito antes de serem expostas ao processo formal de escolaridade.

Segundo os autores, o contato direto com essa “janela” sempre foi polêmico e motivo de críticas por parte de inúmeros estudiosos da área da educação, os quais não viam com bons olhos o conteúdo exibido pela televisão. Os mesmos defendem a total falta de conteúdo construtivo difundido pela máquina. Acreditavam que a mesma, desde sua ascensão, já não era usada para difundir conteúdos que despertassem o senso crítico da criança. Pelo contrário, eles enxergavam a mídia televisiva como um verdadeiro manipulador de informações e, principalmente, de consumismo.

Para Macluhan (1979) “Passamos hoje da massificação de mercadorias empacotadas para o empacotamento da informação”. Segundo ele somente é difundido pela mídia televisiva conteúdos que lhe são convenientes, pouco importando se são ou não construtivistas ao público telespectador.

Alguns anos se passaram e essa visão negativista defendida por Macluhan e outros vem sendo, consideravelmente, transformada. Ao invés de vermos as duas instituições (escola e TV) como antagonistas, dentro do ambiente escolar, o que presenciamos nas últimas décadas é uma união bastante conveniente. Pode-se afirmar que a imagem transmitida pela TV agora se traduz, entre outras nuances, como um grande veículo de compartilhamento de ideias que geram proveitos para ambos os lados. De acordo com Ruiz (1994, p. 113)):

A televisão pode ser um recurso pedagógico quando o educador propõe a discussão sobre o conteúdo programado. Assim o telespectador terá capacidade de fazer uma leitura crítica, decodificando mensagens, refletindo sobre elas e ainda construindo suas próprias conclusões. Questionar as imagens e diversas condutas dos

personagens nos episódios e até mesmo se colocar no lugar deles é um meio de discernir o conteúdo do programa.

Esse diálogo entre a escola e TV, mais do que nunca tem se mostrado consideravelmente produtivo ao passo que a democratização da mídia já está, há tempos, estabelecida. Napolitano, em seu livro *Como usar a televisão na sala de aula* (1999, p. 15), deixa claro que, ao associar televisão com a sala de aula, de forma “não” tendenciosa ou preconceituosa, o resultado pode ser a aquisição de um senso crítico, por parte do aluno:

É preciso analisar a TV levando em conta toda a sua complexidade, não apenas em seus diversos níveis (produção, circulação, recepção), mas nos diversos usos possíveis do conteúdo por ela veiculado.

Através da sua análise sobre a influência exercida pela TV sobre os alunos, Napolitano pôde constatar a fruição positiva de uma rotina escolar quando o conteúdo estudado em sala de aula era subjulgado ao conhecimento de mundo dos alunos, especificamente atrelado ao “mundo” da televisão. O autor averiguou também que, ao se ver representado pelo personagem de um desenho animado, por exemplo, o aluno consegue facilmente se projetar naquela situação. E uma vez estimulado o senso crítico dessa criança por meio de um personagem, vivenciando situações cotidianas, reconhecidas pela mesma, torna-se bem mais fácil induzi-la a utilizar o seu raciocínio lógico para soluções de problemas de sua rotina. Sabendo usar o seu raciocínio, fica muito mais fácil induzir o aprendiz a um pensamento crítico dentro do âmbito da sala de aula. Nesse sentido Vygotsky afirma que o desenvolvimento crítico nunca é linear, especialmente em se tratando de crianças.

Quando a imaginação da criança é estimulada através do lúdico ou de brincadeiras, ela consegue naturalmente formar novos conceitos. Sobre o processo de conhecimento da criança, Castro (1998, p. 23) esclarece:

Encaramos a infância como uma construção social, e como tal, a infância só pode ser compreendida a partir das mudanças mais globais das sociedades, onde as diferenças de idade estão marcadas por significações e valores distintos que variam segundo a época histórica.

Sendo assim, seria importante levar sempre em consideração o meio onde o aluno está inserido, para que assim se torne mais fácil entender sobre o seu universo e assim a interação em sala de aula flua mais naturalmente.

Diante do que diz respeito à televisão de um modo geral, é preciso ter consciência de que sempre passamos por um período de crise em relação à leitura, afinal de contas os índices de analfabetismo no Brasil ainda são consideráveis nos dias atuais. Essa crise da palavra escrita em um país como o nosso poderia ser motivo de grande preocupação, não fosse o fato de que outros suportes de leitura estão, cada vez mais, exercendo o mesmo papel que a escola na missão de instruir os indivíduos. Um forte exemplo disso é a leitura de códigos por meio da nossa fonte de estudo que é a TV. Um fenômeno que sempre se apresentou como uma cômoda plataforma de estudo, trabalhando com conteúdos dinâmicos de som e imagem, e que possibilita a qualquer indivíduo analfabeto a compreensão (nem que seja parcial) do conteúdo apresentado.

Basta analisarmos bem para percebermos que não é tão difícil assistir, inserida na grade de programação, conteúdos televisivos vinculados a disciplinas escolares como História, Geografia, ciências, entre outros. Segundo Napolitano (1999, p. 21) pontua em seu livro:

Em novelas, filmes, telejornais, e mesmo programas de variedades, o material de TV trabalha com referências a conteúdos escolares, mesmo que seja para fins de entretenimento, fruição, estética ou publicidade. Este pode ser o gancho para o trabalho em sala de aula.

De acordo com o autor, sempre ficou claro que não havia como desvincular o conteúdo diversificado da TV do cotidiano do indivíduo seja ele estudante ou não. O público atingido pela audiência da mesma é tão diversificado que acaba por tornar mais fácil o entretenimento do outro, mesmo que esse não seja alfabetizado. É dessa forma que os conteúdos exibidos pela televisão, quando escolhidos de acordo com a faixa etária dos alunos, podem exercer um grande poder de persuasão, e isso é perfeitamente explicado ao verificar as séries que o ensino fundamental engloba. A maioria das vezes é a mesma faixa etária, por exemplo, dos personagens exibidos nos desenhos animados apresentados na TV, servindo dessa forma, como um espelho para os mesmos.

Essa perceptível influência é facilmente perceptível quando observamos as roupas que esses alunos vestem; as capas de seus cadernos, as embalagens dos seus lanches na hora do intervalo e, até mesmo, dentro de simples diálogos de seu dia a dia. A mídia investe pesado nessa cultura em massa e o jovem a assimila com muita facilidade. É ciente desse grande poder de influência que novamente Napolitano (1999, p. 12) salienta:

A midiabilidade é um dos principais problemas a serem pensados pela escola, ao objetivar a incorporação do material veiculado pela TV como fonte de aprendizagem. Não se trata de tentar dissipar a influência da mídia na vida das pessoas, mas de explicitar este fenômeno e fornecer alguns pressupostos críticos, valorizando elementos culturais que muitas vezes o aluno já possui.

Percebendo a importância dessa influência no imaginário da criança, a mídia tem feito a sua parte que é instigar cada vez mais suas curiosidades e emoções, surpreendendo-a sempre com personagens fantásticos, carismáticos, imagens dinâmicas e histórias que prendem a atenção. Ficou como tarefa para o professor, perceber a melhor maneira de ir de encontro ao seu aluno nesse momento de instigação a fim de obter um resultado positivo no processo de aptidão e desenvolvimento do conhecimento usando de sua influência para atrair a atenção criativa do seu aprendiz para os conteúdos gramaticais estudados em sala. Sobre a empatia que esses produtos midiáticos proporcionam, Sarmiento (s/d, p. 06) comenta:

[...] os produtos da indústria cultural para as crianças devem a sua eficácia à empatia que conseguem estabelecer com os seus “consumidores” [...] verifica-se o estabelecimento de uma conformidade com o imaginário infantil que explica a universalização desses produtos. Eles tornam-se referências no mercado infantil pelo valor simbólico que lhes está associado e que, em larga medida, se sobrepõe ao seu potencial lúdico [...]

Diante disso, podemos deduzir que vivemos hoje um período em que a influência da mídia já não é mais utilizada com o mesmo fim com o qual foi construída. Continuamos sim com o mesmo fornecedor de entretenimento, informação e dramaturgia. Entretanto, hoje o que vivenciamos é um período de adaptação. Aqueles conteúdos televisivos que antes eram tidos como vilões e superficiais passaram a ser vistos como uma fonte interessante de estudo dentro

da sala de aula, fazendo com que aquela visão negativista que a impregnou durante anos fosse substituída pelo viés do respeito frente aos seus resultados consideravelmente positivos. É dessa maneira que um profissional consciente, a par dos estudos que envolvem a influência positiva desse meio de comunicação, não conseguirá mais encarar a TV como o vilão onipotente de um ambiente familiar e principalmente escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho é possível observarmos que a famosa problemática envolvendo a relação delicada entre professores e alunos dentro do contexto escolar sempre existiu. Apesar dos inúmeros estudos elaborados ao longo das últimas décadas com o objetivo de sanar essas dificuldades ainda não se chegou a um consenso a respeito da melhor maneira de ensinar uma língua estrangeira.

Vimos que trabalhar com o lúdico desde o início da vida escolar da criança faz tornar-se mais espontâneo o seu aprendizado, uma vez que é na infância a fase onde o aluno cria os seus primeiros conceitos a respeito das situações com as quais tem contato. Após isso, na adolescência, esses conceitos pessoais vão sendo aperfeiçoados de acordo com a sua vivência. O aluno aprende a conceituar e se posicionar melhor diante das situações através de um pensamento mais crítico. Nesse contexto pudemos ver também que a televisão esteve sempre presente durante esses processos: formação de palavras, aquisição de conhecimento, conceitos, lazer.

Dessa forma, podemos entender que não existe um único modo de ensinar língua estrangeira para os alunos do ensino fundamental, pois é preciso levar em consideração fatores básicos como o nível da sala de aula, a faixa etária dos alunos, seu contexto social, sua cultura, entre outros.

Embora os conteúdos televisivos sejam discriminados por muitos estudiosos como sendo manipuladores de opinião ou alienadores sem conteúdo, acreditamos que, se trabalhados os conteúdos pertinentes relacionados ao perfil da sala de aula, pode-se naturalmente chegar a um bom resultado no processo de aquisição de conhecimento, mais especificamente dentro do ensino de LI.

Percebemos, ao fim dessa pesquisa, que toda aquela fama negativa da TV discriminada durante anos pela escola, pode sim ser transformada em uma ferramenta produtiva de ensino. Mesmo sendo cômodo culpá-la por difundir a pornografia e informações vazias é importante atinar que cabe a cada indivíduo direcionar a sua atenção ou a atenção do seu filho frente à programação exibida. Cabe aos pais a função de mediador da informação. Acreditamos que a TV é sim responsável por transmitir valores sociais e culturais, mas antes disso há um responsável muito maior para tal tarefa: a família. Essa sim exerce o primeiro e mais poderoso papel de influenciador sobre a criança.

Uma vez que essa influência já foi averiguada e confirmada em sua eficácia dentro do ensino de LI, não só pelo presente trabalho, como também por inúmeras pesquisas anteriores,

fica registrado, mais uma vez, que, para ensinar e aprender língua estrangeira não há um modelo pronto a se seguir. É necessário paciência, perspicácia e, especialmente, criatividade não só por parte dos professores (como instigadores), como também por parte dos alunos aprendizes (os estimulados).

Compartilhamos a ideia de que esses estímulos precisam atender à demanda dos três “S”: surpreender, suprir e superar a expectativa do estudante que está acostumado àquela rotina exaustiva do ambiente escolar tradicional e não demonstra a menor vontade de interagir diante das propostas do educador.

Uma vez surpreendido o pré-conceito do aluno sobre as “enfadonhas” aulas de LI, suprimindo as necessidades básicas de uma aula dessa disciplina e superando as expectativas negativas que os alunos geralmente mantêm sobre as atividades em sala, o professor terá ferramentas suficientes para retirar do aluno todo o conhecimento que deseja naquela aula, chegando ao sucesso de seu plano ao final.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **A indústria cultural**. Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

ANDRADE, O. G; SANCHES, G. M. M. B. Aprendendo com o Lúdico. In: **O DESAFIO DAS LETRAS**, 2., 2004, Rolândia, **Anais...** Rolândia: FACCAR, 2005. ISSN: 1808-2548.

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. Ed. Parábola, 2007

BASSO, E. A. Adolescentes e a aprendizagem de uma língua estrangeira: características, percepções e estratégias. In: Rocha, C. H. & Basso, e. A. (Orgs). **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades**: reflexões para professores e formadores. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

BATSTONE, Rob. **What is grammar?** In: _____. Grammar. Oxford, Oxford University, 1994. p. 3-15.

BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática: opressão? liberdade?** Ed. São Paulo: Ática, 2006. 12ª Edição.

BORDONI, Thereza. Entre o ontem e o hoje. **Revista AMAE Educando**. Belo Horizonte, Nº 333 Agosto/2005. Pp. 41-43.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares nacionais: língua estrangeira / ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, Lucia Rabello de. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro, RJ: NAU, 1998.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Aprendendo com os erros**: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas. Goiânia, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IZIDRO, Roberto S. A influencia da abordagem skinneriana no ensino da língua inglesa na escola contemporânea. Revista Partes. 2008 <Disponível em www.partes.com.br/educação/linguainglesa.asp> acesso em 17/09/2014.

MACLUHAN, Marshal. Visão, som e fúria in LC. Lima (org.) **Teoria da cultura de massa**. op. Cit.p. 143-154, 1978.

MANSUR, Odila Maria Ferreira de Carvalho; BRITO, Betina Muylaert Ribeiro de Castro; MAYER-BORBA, Angela. **‘O brincar como um modo de ser e estar no mundo’**. Ensino Fundamental de 9 anos: mais um ano é fundamental para a qualidade social da educação. – Ministério da Educação, 2007.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Propil, 1994.

NORRIS - HOLT. J. **Motivation as Contributing Factor in Second Language Acquisition**. The Internet TESL Journal, Vol. VII, No. 6, June 2001 Disponível em < <http://teslj.org/> >. Acesso em 04/11/2014.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna**. Curitiba, 2008.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RUIZ, J. **The study of cognitive process in second language learning**. Applied Linguistics, 1994.

SANTA CATARINA. Secretaria de estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Educação infantil, ensino fundamental e médio. Florianópolis: Cogen, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. Disponível em <http://projectos.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf>. Acesso em 24/09/2014.

SCHUTZ & KANOMATA - **English Made in Brazil**. 2006. disponível em <www.sk.com.br/sk-perg23.html>. Acesso em: 04/11/2014.

SILVA, Gisvaldo Araújo. **A era Pós-Método; o professor como um intelectual**. <disponível em www.ufsm.br/lec/02_04/gisvaldo.htm> acessado em 29/08/2013.

Sprafkin, J., Grayson, P., Gadow, K. D., Nolan, E. E. & Paolicelli, L. M. **Code for Observing Social Activity (COSAS)**. Stony Brook: State University of New York, Department of Psychiatry and Behavioral Science, 1988.

TÁVOLA, Arthur. **TV, Criança e Imaginário**. Televisão, criança, imaginário e educação: dilemas e diálogos. 4ª ed. São Paulo: Papirus, 2004, p. 39-49.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau**. 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 2002.

UNICEF. **A voz dos adolescentes**. Caderno Brasil. Brasília, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich,. **Pensamento e Linguagem/ L.S. Vigotsky: tradução Jéferson Luis Camargo**. 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WATSON, J. B. **The psychological care of the infant and child**. New York: W. W. Norton, 1928. Behaviorism. New York: W. W. Norton, 1930.